



The short story in Antônio Carlos Viana: A social snapshot

O conto em Antônio Carlos Viana: Um recorte social

El cuento de Antônio Carlos Viana: una instantánea social

Júlio Flávio Vanderlan Ferreira ¹ ,

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Nome: Júlio Flávio Vanderlan Ferreira

E-mail: julioflavio.04@gmail.com

Como citar: Ferreira, J. F. V. (2026). O conto em Antônio Carlos Viana: Um recorte social. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 7(1), e1, e20452. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks7120452>

RESUMO

Este trabalho tem o escopo de discutir sobre contos de autoria do sergipano Antônio Carlos Viana e como as narrativas abordam temas ligados a problemas sociais. No primeiro momento, falaremos brevemente sobre a teoria dessas breves histórias e suas peculiaridades a partir das contribuições de Gotilib (2010) Moisés (2009). Logo depois, suscitaremos discussões sobre alguns contos nos quais os narradores se mostram atônitos diante da miséria que os acometem a partir das considerações de Martins (2018) entre outros estudiosos que se debruçam sobre o tema. Faremos uma breve abordagem historiográfica das produções do contista bem como da sua fortuna crítica. Por último, com as colaborações de Perrone (2023), discutiremos como o engajamento social se entrelaça no tecido literário e nos faz refletir sobre mazelas que acometem as personagens das tramas discutidas.

Palavras-chave: Conto; Antônio Carlos Viana; literatura engajada.

ABSTRACT

This work aims to discuss short stories by Antônio Carlos Viana, from Sergipe, and how these narratives address themes related to social problems. Initially, we will briefly discuss the theory of these short stories and their peculiarities, drawing on the contributions of Gotilib (2010) and Moisés (2009). Following this, we will discuss some of his stories in which the narrators express astonishment at the misery that afflicts them, based on the considerations of Martins (2018) and other scholars who have studied this topic. We will provide a brief historiographical overview of the writer's works and their critical reception. Finally, with contributions from Perrone (2023), we will discuss how social engagement is interwoven into the literary fabric and prompts reflection on the hardships that afflict the characters in the discussed plots.

Keywords: Short story; Antônio Carlos Viana; engaged literature.

RESUMEN

Este trabajo se propone analizar los cuentos de Antônio Carlos Viana, oriundo de Sergipe, y cómo estas narrativas abordan temas relacionados con problemas sociales. Inicialmente, abordaremos brevemente la teoría de estos cuentos y sus peculiaridades, basándonos en las contribuciones de Gotlib (2010) y Moisés (2009). A continuación, analizaremos algunos de sus relatos en los que los narradores expresan asombro ante la miseria que los aflige, basándonos en las consideraciones de Martins (2018) y otros investigadores que han estudiado este tema. Ofreceremos un breve resumen historiográfico de la obra del escritor y su recepción crítica. Finalmente, con las contribuciones de Perrone (2023), analizaremos cómo el compromiso social se entrelaza con la trama literaria y suscita una reflexión sobre las dificultades que aquejan a los personajes de las tramas analizadas.

Palabras clave: Cuento; Antônio Carlos Viana; literatura comprometida.

INTRODUÇÃO

O escritor aracajuano Antônio Carlos Viana está cada vez mais conhecido no cenário nacional das letras à medida que seus contos ficam conhecidos. Grande parte de suas narrativas abordam temáticas que envolvem o leitor pela densidade com as quais envolvem seus personagens. A solidão, a morte, o sexo a violência e, sobretudo a pobreza são temas latentes em seus contos. Suas obras trazem problemáticas inerentes à condição de vida daqueles que nascem num ambiente hostil de muita pobreza.

O trabalho do artista sergipano é notável pela delicadeza com que trata questões sociais, explorando as complexidades do dia a dia por meio de narrativas breves e intensas. Os seus contos abordam temas como a desigualdade social, a solidão e a marginalização, assuntos que espelham as tensões e desafios que as pessoas enfrentam em uma sociedade caracterizada por contrastes.

Viana utiliza personagens comuns, geralmente oriundos de estratos sociais desfavorecidos, para expressar realidades muitas vezes invisíveis. Ele emprega um vocabulário simples, mas profundo, que convida o leitor a refletir sobre as repercussões dessas questões na vida das pessoas.

Viana utiliza indivíduos comuns, muitas vezes oriundos de estratos sociais desfavorecidos, para expressar realidades muitas vezes invisíveis. Ele emprega um estilo de escrita aparentemente simples, mas profundo, que convida o leitor a refletir sobre as repercussões dessas questões na vida das pessoas.

Ademais, a produção artística de Viana é marcada por um intenso senso de crítica social. Os seus contos costumam mostrar a frieza das relações humanas e a indiferença perante o sofrimento alheio, características que intensificam a desconexão social atual. Em narrativas breves, porém significativas, ele traça panoramas que evidenciam o abandono e a violência, seja ela física ou simbólica, que permeiam as interações sociais. Assim, a literatura de Viana atua como um espelho da realidade, instigando o leitor a enfrentar as questões sociais e ponderar sobre a função da literatura.

As sucintas narrativas do escritor sergipano mostram de maneira muito cruel dramas que acometem os seus personagens. Dessa forma, o conto contemporâneo nos mostra uma maneira singular de narrar tais dramas que são desenvolvidos pelo escritor sergipano com muita maestria.

METODOLOGIA

A pesquisa inicia com revisão bibliográfica sobre o gênero conto, ancorada em Gotlib (2010) e Moiss (2009), que definem suas peculiaridades como densidade, unidade dramática e concentração em um conflito central. Essa base teórica sustenta a transição para a análise

empírica, sem seção metodológica autônoma – procedimento comum em literaturologia, onde métodos diluem-se na exposição crítica.

O corpus abrange contos selecionados de "Cine Privê" (2009) e "O meio do mundo e outros contos" (1999), como "Santana Quemo-Quemo", "Dia de parir cabrito" e "Herança". Critérios implícitos priorizam narradores-personagens infantis/adolescentes em contextos de miséria nordestina, refletindo temas de exclusão social, abandono e violência simbólica, dialogando com fortuna crítica (Martins, 2018; Silva, 2012).

Adota-se close reading hermenêutico, examinando elementos narrativos: focalização em primeira pessoa, ironias contrastivas (alegria na degradação) e denúncias sociais via intertextualidade com ECA (1990) e IBGE (2019). Integram-se historiografia biográfica de Viana, dissertações correlatas e conceitos de Perrone-Moisés (2023) para evidenciar engajamento literário. Ausentes ferramentas quantitativas ou empíricas de campo, o foco reside na interpretação profunda, alinhada à narratologia (Brait, 2004; Candido, 1989).

A abordagem enriquece estudos vianianos, propondo oficinas pedagógicas para reflexão sobre desigualdades em escolas públicas. Limitações incluem subjetividade interpretativa e ausência de triangulação, mas reforçam a tradição qualitativa de Durão em pesquisa literária.

RESULTADOS

Os resultados do artigo "O conto em Antônio Carlos Viana: Um recorte social" revelam o engajamento social profundo nas narrativas de Viana, expondo miséria e exclusão por narradores infantis.

Os contos analisados – "Santana Quemo-Quemo", "Dia de parir cabrito" e "Herança" – demonstram pobreza extrema como geradora de violências simbólica e física, com personagens fadados ao anonimato e insucesso. Em "Santana Quemo-Quemo" (Cine Privê, 2009), o despejo familiar banaliza-se na visão pueril do narrador, contrastando tragédia (loucura materna) com alegria efêmera (comer galinha), ecoando 13 milhões em pobreza extrema (IBGE, 2019). "Herança" (1999) ironiza legado familiar: filhos herdam ônus de mãe obesa, com pai ausente, evidenciando desestrutura familiar além da financeira.

Narradores-personagens infantis/adolescentes exibem ambiguidade: ingenuidade aparente mascara perspicácia adulta, subvertendo clichês (Martins, 2010; 2013). Infames "sem fama" (Silva, 2012) habitam cenários grotescos de erotismo misérrimo, voyeurismo e abandono, denunciando falhas no ECA (1990) quanto a direitos à liberdade e respeito. Estrutura concisa do conto amplifica densidade dramática (Gotlib, 2010; Moiss, 2007), humanizando marginalizados.

Fortuna crítica cresce: dissertações (Fonseca, 2013; Correia, 2010; Silva, 2011) confirmam foco em narrador contraditório, ritos eróticos dolorosos e corpos estranhos. Viana, inspirado por Veiga, dialoga com Rosa e Lispector, posicionando-se como observador solidário da realidade nordestina (Martins, 2010).

Resultados projetam literatura como resistência marxista-perroniana (Perrone-Moisés, 2023), instigando reflexão sobre desigualdades capitalistas e meritocracia falaz. Propõe oficinas pedagógicas em escolas públicas para apropriação crítica, fomentando empatia com vulneráveis.

DISCUSSÃO

A teoria do conto

O ser humano, por natureza, é um ser visceralmente comunicativo. O ato de contar histórias pode ser observado nos registros mais remotos das primeiras atividades humanas de comunicação através de figuras, as pinturas rupestres. Nossos ancestrais mais primitivos já registravam fatos do seu cotidiano nas paredes das cavernas e rochedos onde viviam. Os registros pictóricos eram uma maneira de gravar as atividades que envolviam tais serem

primitivos nos rituais, sejam elas no registro da caça, da guerra, no cortejo para a reprodução, dentre outras. A manifestação primitiva dessa linguagem permite que percebamos como o ato de comunicar-se e externar nossas sensações são necessidades primitivas.

O ato de contar histórias, mesmo para quem nunca parou para refletir sobre ele próprio, é algo quase indissociável à figura humana. Quem nunca narrou uma história com a intenção de, propositalmente prender a atenção de seu interlocutor? A própria Literatura nos mostra como o ato de contar uma história pode ser importante. Em *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, Paulo Honório, o protagonista do romance, pessoa que ao fim da sua vida se vê falido e infeliz, quis contar sua história de vida ao jornalista Gondim para que, se o próprio Paulo lesse sua biografia contada por outra pessoa pudesse compreender sua vida e as tragédias que o acometeram. Outro exemplo na literatura brasileira é da clássica personagem tia Nastácia, famosa por aparecer em *Reinações de Narizinho* (1931), grande obra de Monteiro Lobato. A personagem por muitas vezes prendia a atenção das crianças do “Sítio do Pica-pau Amarelo” com suas histórias que contava na cozinha. Não só na Literatura brasileira, mas na clássica, as grandes histórias eram contadas oralmente e depois passaram ao registro escrito. Pensar a história do ato de contar história, é, sobretudo, pensar sobre a nossa própria história.

Aliás, sob o signo da conveniência, a história sempre reuniu pessoa que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes, seus discípulos, para transmissão os mitos e ritos das tribos; nos tempos, em volta da mesa, na hora da refeição, pessoas trazem notícias, trocam ideais e ...contam casos. (Gotlib, 2010, p. 5)

Os estudos teóricos e históricos sobre literatura discorrem sobre o que seria o conto. A própria palavra, em seu valor etimológico, já nos diz muito, pois” a palavra conto vem do Latim *cômputos*, que significa: “aquele que tem a capacidade de contar, narrar”. Porém a definição etimológica não encerra a discussão sobre o significado do verbete no campo literário, principalmente pelo fato de narrar ser algo que pode ter outras denominações como o romance, a novela. A origem do gênero e estrutura “conto” se confunde com a própria história da ascensão da civilização humana. Para Gotlib, “Para alguns, os contos egípcios - os Contos dos Mágicos – são os mais antigos e surgiram a 4000 anos antes de Cristo” (2010, p.9). A evolução do conto se confunde com a própria história humana.

A diversidade quanto a produção narratológica instiga e problematiza mais ainda a tentativa de teorizar de maneira incisiva sobre as origens e definições do gênero conto. Nas literaturas ocidentais, boa parte da produção escrita hoje teve origem através de histórias, poesias narrativas (epopeias e canções de gesta) que eram passadas oralmente de geração para geração. Tais narrativas orais eram curtas justamente para facilitar a transmissão dos casos contados de pessoa para pessoa. A idade média fica marcada pela produção das novelas de cavalaria, as quais tinham intenção de idealizar o cavaleiro medieval, modelo de herói da época, e as demais produções ficavam ligadas mais à epopeia clássica. Os grandes estudiosos sobre o conto começam a aparecer já na era moderna, no Sec. XIX. A problematização sobre as definições sobre o que seria um conto não reside apenas em questões quantitativas, que não devem ser desprezadas, porém as questões vão muito mais além do número de páginas que uma narrativa possui para delinear seu gênero. O critério quantitativo não pode sobrepor-se ao qualitativo na classificação, ambos se complementam e se somam a outros fatores constituintes da narrativa.

Na verdade, o critério quantitativo não é de todo falso nem desprezível. Contudo, deve ser sempre empregado apenas como auxiliar do critério qualitativo, e a posteriori, porque a simples contagem das páginas impossibilita afinar com precisão o tipo de narrativa em causa. O aspecto numérico pode confundir o observador que relegar a segundo plano o conteúdo e a estrutura das obras. Se é verdade que o conto encerra breve dimensão, também é certo que isso decorre de fatores intrínsecos: os contos não são contos porque

têm poucas páginas, mas, ao contrário, têm poucas páginas porque são contos. 1 (Moisés, 2007, p.24)

Partindo da premissa acima, não é o autor que escolhe a estrutura da narrativa, mas a trama escolhe sua própria configuração narratológica. O mero critério de extensão das páginas não pode ser decisivo para a classificação da produção em prosa, pois tanto o conto, quanto o romance e a novela possuem características que podem levar a confundir a quem tenta classificá-los em seus limites e peculiaridade. Essas três formas podem ser analisadas e, se de forma genérica, ambas possuem características em comum como espaço, personagens tempo, entre outros. Porém, o que pode diferenciar cada um são peculiaridades que precisam ser analisadas num contexto específico dentro da estrutura em prosa.

A concepção da palavra foi bastante divulgada por conta utilização de múltipla do verbete. A fase pré-histórica com seus rituais e, posteriori a designação do valor semântico ligado às lendas folclóricas da cultura popular A complexidade da vida humana a partir do Sec. XIII, oriunda da revolução industrial fez com que os relatos de vida também comessem a ser fragmentados e assim também complexos. O homem ocidental já não tem mais a vida resignada proposta pelos dogmas da igreja católica. A idealização de vida do burguês passa a ter, sobretudo, um caráter abstrato, utópico. As narrativas também evoluem da mesma forma.

No Sec. XIX, Poe foi um dos primeiros teorizadores do conto que viria a aparecer em configurações narratológicas e estruturais diferentes do medievo. No Brasil, um dos primeiros e maiores representantes dessa categoria narrativa foi Machado de Assis, que teve uma vasta produção contística, alguns bastante marcante por sua técnica de suspense psicológico e finais abertos, o que rendera-lhe os devidos louros. A imensa gama de escritores que produziu contos dá dimensão da riqueza do gênero e de sua aparente complexidade referente a uma classificação hermética.

No século XX, a voga do conto não esmoreceu; ao contrário, mais do que em fins do século XIX atinge em nossos dias o apogeu como forma "erudita" ou literária. Entretanto, apresentar as várias tendências e fases atravessadas pelo conto moderno, incluindo as veleidades que o têm impelido na crônica ou do poema em prosa. Uns poucos nomes serão suficientes para dar uma ideia da problemática da diversidade: Anatole France, O. Henry, Virgínia Woolf, Katherine Mansfield, Kafka, J e Joyce, E. Hemingway, Máximo Górkki, e tantos outros. Em Portugal e no Brasil, o panorama apresenta-se rico e variado, em Parte como reflexo da voga alcançada pela narrativa curta nos Estados Unidos e na Europa: Monteiro Lobato, Aníbal Machado, Alcântara Machado, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Osman Lins, João Alphonsus, Moacir Scliar, José Rodrigues Miguéis, Maria Judite de Carvalho, Irene Lisboa, Branquinho da Fonseca, José Régio, Miguel Torga, Manuel da Fonseca e tantos outros. (Gotlib,2010, p. 36)

O âmago de gênese estrutural do conto, em sua constituição mais basilar, está arraigado com um drama que se desenvolve ao longo na narrativa. Não obstante, é necessário que distingamos a concepção de "drama" do gênero "dramático". Comumente, durante muito tempo, a palavra drama esteve associada ao gênero teatral. Contudo, nesse caso, na estrutura contística o drama está relacionado a um conflito e, não necessariamente ao gênero teatral. O conto, em sua essência constitutiva, caminha à construção de uma narrativa condensada, milimetricamente pensada e unívoca. A ação vai em direção de um único acontecimento problemático que requer, talvez uma solução. A estrutura do conto requer uma precisão cirúrgica por parte de quem o tece tal tecido literário, pois a concisão exige o máximo que concentração à confecção da estrutura discursiva implícita na trama.

Para bem compreender a unidade dramática que identifica o conto, é preciso levar em conta que seus ingredientes convergem para o mesmo ponto. A existência de uma única ação, ou conflito, ou ainda de única "história" ou "enredo", está intimamente na história" relacionada

com a concentração de feitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário: cada palavra ou frase há de razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese, não se poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto. Para tanto, os ingredientes narrativos galvanizam-se numa única direção, ou seja, em tomo de um único drama, ou ação. (Moisés, 2007, p. 41)

O espaço onde a trama ocorre, de maneira geral, não varia muito e, de maneira fixa, tal cenário é condicionado à ação das suas personagens. As pessoas são impelidas a movimentarem-se por conta da necessidade imposta pelo drama relatado na narrativa. A simplicidade do cenário pode contrastar de maneira mais veemente com as mazelas que acometem as personagens na trama, sendo assim, a ação pode decorrer diretamente da relação entre o personagem e o espaço.

Apesar de uma narrativa curta, suas personagens não aparecem de maneira aparentemente manipulada e facilmente “manejada” pelo ficcionista. A concatenação dos elementos categóricos e estruturais do conto como tempo, espaço e ação aparece de maneira cirurgicamente precisa, porque a constituição do gênero exige tal efeito estético no processo constituinte da forma. A construção estética do conto tenta causar no leitor um processo simbiótico com o drama oriundo de um sentimento que gera o ponto de partida da problemática da narrativa. Para Candido, (1989, p. 210) “o conto representaria o melhor dessa ficção pela penetração veemente no real, graças a técnicas renovadoras, devidas quer à invenção, quer à transformação das antigas”.

De maneira geral, as personagens são que compõem um conto, geralmente, são poucas para que, assim, a atenção do leitor possa se manter no drama que é núcleo da estrutura discursiva que relata um problema-mor. Essa estrutura moderna de narrar quebra com a idealização de uma visão universalmente humana dos problemas e começa a focar nos dramas pessoais.

O conto e o recorte social em Viana

A produção contemporânea de contos é muito rica na literatura brasileira. O cânone nacional engloba nomes famigerados como, Rubens Fonseca, Dalton Trevisan, João Antônio, entre outros que não podemos arrolar aqui por uma questão de tempo e espaço. A discreta, mas não menos rica literatura produzida em Sergipe tem um grande representante que compõe a produção de contos contemporâneos brasileiros, Antônio Carlos Viana. Nascido em 05 de junho de 1944 na capital sergipana e falecido em 14 de outubro de 2016 na mesma cidade, aos 72 anos.

A obra desse escritor sergipano teve reconhecimento no cenário nacional com algumas premiações. Ele era mestre em teoria literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutorou-se em Literatura comparada pela Universidade de Nice, na França. O mesmo foi professor da Universidade Federal de Sergipe, onde aposentou.

Viana teve uma produção que variou desde a educação básica ao ensino superior. Para o ensino médio o aracajuano produziu *Roteiro de redação: lendo e argumentando* (1997), *Guia de redação* (2011). Também foi tradutor e, entre as dezenas de livros traduzidos podemos citar os clássicos *Os conquistadores*, de Júlio Verne, *A controvérsia de Jean-Claude Carriere*, dentre muitos outros. Os seus livros de contos foram *Brincar de Manja* (1974), *Em pleno castigo* (1981), *O meio do mundo e outros contos* (1993), *Aberto está o inferno* (2004), *Cine Privê* (2009) e sua última obra foi *Jeito de matar lagartas* (2015), vencedor do Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA).

A vida do escritor sergipano foi tão intensa quanto suas obras. O mestre contista, morando na Cidade do Rio de Janeiro, certa vez fora substituir um colega professor de Literatura no ensino médio e teve contato com a obra que lhe despertou para a arte de escrever. Viana, até os 25 anos nunca tinha pensado em ser escritor, até que teve contato com uma obra desconhecida, um conto de um escritor fora do cânone nacional, daí então o contista sergipano

achou que poderia escrever e ficar tão maravilhado quanto ele com a leitura até então desconhecida.

Até os 25 anos eu não tinha a menor ideia de que eu um dia seria escritor. Havia cometido certo tempo alguns poemas que logo descartei por serem muito ruins. Quem me fez julgar assim foi João Cabral de Melo Neto. Eu achava que depois dele ficava difícil fazer poesia. Eis que um dia, morando no Rio de Janeiro, fui substituir um professor de Literatura num colégio e na lista de livros constava um do qual eu nunca tinha ouvido falar: Os cavalinhos de Platiplanto, de um tal José J. Veiga, o livro fora publicado em 1959, e eu em minha ignorância não o conhecia de forma alguma. A leitura deste livro foi para mim um susto bom [...]. O escritor nasce antes de uma conjunção de leituras que de um talento inato. Eu nunca tive talento para nada. (Viana, 2017, p. 13)

Apesar de Viana ter sua inspiração para escrever em uma obra fora do cânone nacional, o mesmo relata que alguns famigerados nomes da literatura brasileira o inspiraram, como Guimarães Rosa, Machado de Assis, Clarice Lispector, entre outros. A produção do contista aracajuano já é objeto de estudos. É possível encontramos, atualmente, aproximadamente três dissertações de mestrado que versam sobre a obra vianiana bem como muitos artigos em periódicos e revistas. Uma dessas publicações é a dissertação do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Campus Maceió, *O narrador em Antônio Carlos Viana: Uma contradição* (2013), de Cristiane Mirtes da Fonseca. Tal obra disserta sobre as estruturas narratológicas que compõem as tramas do escritor sergipano. A autora se debruça a estudar as falas que são colocadas do ponto de vista dos narradores-personagens e defende que, em alguns contos, apesar de se mostrar como criança, o narrador tem a perspicácia de um adulto. Outra obra é *Ritos de passagem: a experiência erótica é o menino-narrador na ficção de Antônio Carlos Viana* (2010), escrita por Paulo André de Carvalho Correia, no Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, esse estudo mostra como as experiências eróticas vividas pelos narradores-personagens em no contos de Viana são, muitas vezes, dolorosas, aparecem como um tipo de violência e marcam a passagem à vida adulta, a perda da inocência. Boa parte das narrativas de Viana são permeadas pelo erotismo, elemento estudado por acadêmicos e professores que analisam a obra do escritor sergipano.

Outra obra disponibilizada também nos repositórios de pós-graduação é *Representações do corpo estranho em Antônio Carlos Viana* (2011), escrita por Gisélia Mendes da Silva, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. Esse estudo mostra como a apresentação dos corpos nas narrativas é feita de maneira que coloca uma perspectiva monstruosa. Retrata como os corpos aparecem de maneira insólita nas tramas. Os corpos que aparecem nas narrativas de Viana, muitas vezes são rejeitados e não se encaixam nesse mundo cheio de padrões.

A fortuna crítica das obras de Viana está aumentando à medida que sua criação é conhecida por acadêmicos das letras ou áreas correlatas. Georgina Martins, professora da UFRJ, autora de artigos que versam sobre Viana, afirma que:

Antônio Carlos Viana, assim como Graciliano Ramos, além de não perder a dimensão crítica do seu papel de escritor frente à insólita e inóspita realidade nordestina, elabora uma narrativa onde não há lugar para o discurso pitoresco, para o clichê, tampouco para as representações panfletárias do real, muito provavelmente por conta de sua proximidade solidária com a dor narrada. Além disso, sua capacidade de captar o insólito daquele cotidiano miserável e transformá-lo em matéria de ficção, o coloca no lugar de um arguto observador daquela realidade (2010, p.295).

As personagens dos contos de Viana são marcantes e têm a atenção do leitor por conta de seus dramas. Os narradores-personagens das narrativas aqui retratadas aparecem de maneira paradoxalmente pueril, pois o mesmo narrador que, aparentemente se mostra criança

ou adolescente, posteriormente percebe o drama no que o envolve. Em “Santana Quemo-Quemo”, “Dia de parir cabrito” e “Herança”, percebemos os dramas desnudos pela forma como o narrador conta suas histórias. A maioria dos contos de Viana são estruturados de uma forma que coloca o narrador-personagem de maneira dúbia, pois os fatos narrados são pela voz de uma criança, mas poderiam ser também memórias de um adulto. Para Georgina Martins:

Tal indefinição não nos parece configurar-se em defeito da narrativa, mas sim numa proposta estética de um autor cujas personagens infantis integram um contexto **hostil e miserável**, geralmente dando seus primeiros passos na aridez do solo nordestino — premissa que leva o autor a delegar-lhes um outro destino que não o da infância feliz, assinalando a ausência (ou no limite, a dimensão ficcional) desse lócus historicamente merecedor de atenções e cuidados e especiais. (2010, p.285-grifo nosso)

Nos contos de Viana, a ação das personagens geralmente é marcada por uma situação que demonstra um certo determinismo, pois a necessidade rege as atitudes dessas figuras. Não há clichês no processo de construção das figuras que compõem as narrativas de Viana, o processo de confecção das personagens nas tramas é direto. Elas, na maioria das vezes, são mostradas como realmente são. As narrativas vistas pelo narrador-personagem que nos mostra o mundo sobre seu prisma mostram mais ainda a crueldade das questões sociais em boa parte das tramas são tratadas de maneira banal. Possibilidade de o leitor observar o drama pela singular visão de uma criança que participa da ação ressalta a possibilidade de prender-se mais à obra.

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem (Brait, 2004, p.13)

A possibilidade de explorar as personagens dos contos do sergipano pode gerar frutíferos resultados no tocante a uma boa prática de leitura em sala, pois os conflitos vividos pelos protagonistas das referidas obras revelam os dramas pessoais de boa parte da população que vive em vulnerabilidade social, no referido caso, os leitores aos quais as oficinas foram aplicadas. A possibilidade de o leitor se identificar com as personagens e seus dramas aumenta a possibilidade de o mesmo se apropriar do texto de maneira mais legítima.

Em *As personagens Infames de Viana e suas representações* (2012), Maria Ivonete Santos Silva fala sobre como o escritor sergipano mostra parte de seus personagens que são relegados, esquecidos e não são aceitos pela sociedade capitalista excludente. A questão social está intimamente ligada à escrita do escritor aracajuano, pois as personagens que ele retrata em suas tramas são o reflexo de um país que ainda, e, agora, mais que nunca, minimiza a falta de assistência a direitos mais basilares à manutenção da dignidade da vida humana. As tramas de Viana nos mostram de maneira crua como essas personagens vivem em situações degradantes.

Em consonância com o papel do discurso literário na contemporaneidade, Antônio Carlos Viana, em seus contos, se preocupa com os *infames*, haja vista que suas personagens se enquadram na categoria dos “sem fama”, “sem nome”, porque não foram “bem-nascidos” ou porque a pequenez de suas vidas não representa nada de extraordinário, nada que mereça ser registrado⁵ ao contrário, são vidas que devem ser “apagadas” até que sejam definitivamente esquecidas. Em meio a cenários que quase sempre remontam à precariedade ou à mais absoluta miséria, os narradores-protagonistas de seus contos narram histórias de vidas fadadas ao insucesso, à aniquilação. Mesmo quando alguns deles ainda insistem em manter aceso um fiozinho de esperança no futuro, o resultado alcançado é sempre desastroso ou inexpressivo. Aos olhos do leitor, no entanto, o que mais surpreende são as condições de vida a que são

submetidas essas personagens-porta-vozes de pequenas e grandes tragédias que a sociedade faz de tudo para esquecer. (Silva,2012, p.162)

Em *Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea* (2013), a professora Georgina Martins, da UFRJ, analisa o processo estético da obra de Viana e fala sobre a construção e representação do conceito de criança em meio aos problemas sociais que estruturam as tramas do escritor. A pesquisadora e escritora fluminense se debruça sobre o conceito de infância, pois segundo ela (2013, p120) “As infâncias investigadas aqui têm em comum as dificuldades impostas pela pobreza”. Pobreza, mazela social geradora de muitas outras que são retratadas na produção contística do sergipano aqui estudado. Segundo Feitosa (2012, p.39) “a pobreza é definida como privação de direitos e oportunidades”. Tal conceito mostra como as tramas e as personagens de Viana não escamoteiam a dura realidade social vivida pelos narradores-protagonistas. Essa abordagem social que o leitor é conduzido a fazer nos textos de Viana corrobora diretamente com o perfil de leitor que Gomes (2010, p. 16) fala em *O leitor cultural*. O autor propõe caminhos para a recepção de narrativas literárias que “valorizem a contextualização da leitura a partir de um referencial social”.

Boa parte da obra de Viana desenvolve em seu leitor uma relação paradoxal quanto ao que se lê. Numa visão naturalista, as tramas mostram de maneira crua e visceral o lado grotesco que há em parte dos seus personagens. As personagens, em suas ações, são narradas com a precisão de cirúrgica de uma sintaxe que não dá possibilidade de trocar qualquer palavra sem prejudicar o efeito estético do tecido literário. A forma como o escritor sergipano constrói suas tramas é permeada por uma técnica que nos assusta pela possibilidade de encontrarmos, talvez, em nós, a perversidade e a barbárie que aparece no cotidiano dos miseráveis que protagonizam suas obras. O espetáculo grotesco é fruto do cotidiano desses infames esquecidos por boa parte da sociedade capitalista. As personagens de Viana, para Martins:

São personagens habitam um universo circunscrito no limiar do erótico e do miserável, e desse modo, sem pudor algum, são nomeados não só os órgãos sexuais, mas suas reentrâncias, suas cavidades, seus formatos e tamanhos. São descritos cheiros, texturas e as nuances de cores. Corpos e cenários miseráveis são expostos e minuciosamente dissecados, provocando, em nós, um voyeurismo desconcertado e raivoso diante do excesso com que, propositadamente, Viana expõe o espanto, o abandono e a dor dos pequenos sujeitos que, sem alternativa de sobrevivência, tornam-se vítimas das práticas sexuais promíscuas e perversas. Afora tudo isso, a constatação de que os atores desse espetáculo de sexo ainda são crianças nos leva a refletir sobre o papel do adulto enquanto responsável pelo saudável e pleno desenvolvimento infantil, função praticamente inexistente em vários textos de Viana. (2013,p.124) .

O drama do menino-narrador em *Santana Quemo-Quemo* aparece de maneira quase lírica para narrar as cenas de horror vividas naquele momento. O protagonista narra tudo em primeira pessoa e tem a oportunidade de deixar o leitor angustiado com a visão que o garoto tem do processo de despejo. A ação passa de maneira quase que banalizada pelo menino que narra o fato, quase com tranquilidade.

Quando os carros chegaram, minha mãe fazia uma galinha que meu irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo num quintal longe dali. [...] As mulheres se descabelavam berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez. Num minuto, era um monte de traste velho fora do barraco: lastro de cama, uma imundice de colchonete enroladinho, botijão de gás, e lata, muita lata, onde à noite a gente cagava e mijava pra no outro dia bem cedo jogar tudo no riacho. (Viana, 2009, p.13)

O menino narra toda situação degradante de maneira aparentemente normal nos contos selecionados. A obra de Viana, com sua linguagem cirurgicamente concisa consegue tocar em temáticas que são caras à sociedade, como a pobreza e a miséria num país de dimensões continentais. Os contos de Vianianos conseguem nos mostrar como o não-dito flui em sua obra. A aparente ingenuidade da criança é contrastada pela perversidade do ato de uma família miserável ser despejada de um terreno público.

A tristeza pela perda do barraco contrastava com a alegria de poder comer uma galinha cozida. Numa situação normal, quem pensaria em comer sabendo que vai perder sua moradia, porém o protagonista demonstra certa naturalidade com a situação degradante e preocupa-se com a galinha cozida, que significa um fio de alegria diante de toda situação humilhante. Segundo o IBGE, em 2019, mais de 13 milhões de brasileiros vivem em pobreza extrema, com uma renda média de 145 reais por pessoa. O conto vianiano consegue, de maneira direta, falar sobre questões mazelas sociais contemporâneas e, consoante à estrutura do conto contemporâneo, dar voz a um drama que estrutura toda a narrativa. Grande parte dos contos Vianianos focam nessas personalidades que não têm voz na sociedade, pessoas esquecidas por conta da banalização de sua miserável condição social, como afirma Silva:

Em meio a cenários que quase sempre remontam à precariedade ou à mais absoluta miséria, os narradores-protagonistas de seus contos narram histórias de vidas fadadas ao insucesso, à aniquilação. Mesmo quando alguns deles ainda insistem em manter aceso um fiozinho de esperança no futuro, o resultado alcançado é sempre desastroso ou inexpressivo. Aos olhos do leitor, no entanto, o que mais surpreende são as condições de vida a que são submetidas essas personagens-porta-vozes de pequenas e grandes tragédias que a sociedade faz de tudo para esquecer. (2012,p.163)

Outra temática bastante comum na obra de Viana é a loucura, ou até a perda mesmo que parcial da lucidez. Em “Santana Qüemo-Qüemo”, a mãe do protagonista, diante de toda a situação de demolição do seu barraco começa a dançar e a cantar, num sinal claro de quem perdeu a lucidez. Perder as faculdades mentais, talvez seja uma das maiores cenas de violência que acomete uma personagem na trama. Não é por acaso que o conto leva o mesmo nome da canção que a avó do menino canta no ato de derrubada de seu barraco. “Ela começou a cantar baixinho: “Você conhece Santana Qüemo-Qüemo. Santana Qüemo-Qüemo, Santana Qüemo-Qüemo?” E repetia a mesma lenga-lenga e o tom de voz ia subindo, até atingir um tom que não era dela” (Viana, 2009, p.14). O conto é, basicamente, quase um relato de sobrevivência e resiliência por parte dessa população sofrida que vive às margens da sociedade, esses infames, anônimos que não têm vozes para falar de suas agruras. No fim da narrativa, mesmo com a perda da moradia, vendo sua mãe tendo a sanidade mental comprometida pelo ocorrido, o menino-narrador ainda consegue ver alegria num momento tão degradante. “Mas a vida tem suas alegrias. Quando estava tudo no chão, vimos nossa irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela da galinha, que a gente comeu feliz, debaixo da amendoeira” (Viana, 2009, p.15).

O protagonista consegue mostrar como uma coisa tão simples como o fato de comer uma galinha pode se tornar um acalanto para uma situação tão desumana como a que ele e seus familiares foram submetidos, e assim a narrativa se constitui com essas situações contrastivas.

Outro conto que mostra esse desconcerto e desestrutura familiar é “Herança”, que está no livro *O meio do mundo e outros contos* (1999). A história é contada pelo narrador personagem, um menino que mora às margens de um rio, tem uma vida rodeada por pobreza e uma família totalmente desestruturada. A problemática desse conto de estrutura a partir da rotina do protagonista e seu irmão. Ambos eram responsáveis por levar sua mãe todos os dias para tomar banho num rio perto de casa. A mãe dos jovens era uma senhora acometida por obesidade mórbida. “Era sempre às seis da tarde que levávamos nossa mãe para tomar banho no rio” (Viana, 1999, p.38). Esse conto é marcado pela visão antitética que o leitor pode

desenvolver ao longo da narrativa, pois, em algumas passagens o narrador deixa transparecer que a mãe é acometida pela obesidade que gera toda situação que o priva de sua liberdade por conta dos excessos de responsabilidade que é incumbido ao protagonista. O pobre menino sente o peso excessivo de ter de tomar conta de sua mãe. ” [...] Enquanto isso, nós nadávamos, conseguíamos um pouco de liberdade que, ela, sem falar nada, sem dizer nada, não nos dava de jeito nenhum” (Viana, 1999, p.38) O drama da mãe obesa é percebido pelo filho ao conviver com sua genitora naquela situação degradante, totalmente dependente de outros para fazer as atividades mais triviais do cotidiano.

O título do conto é bastante sugestivo, pois quando se fala em “herança”, é possível logo se supor que alguém vai receber algo deixado por outra pessoa que, provavelmente tenha falecido. O verbete pode remeter ao recebimento de um prêmio, não obstante no conto, a herança que os filhos recebem é a responsabilidade hercúlea de tomar conta da matriarca obesa. O pai dos meninos, diante de toda situação, começa a abandonar aos poucos a família e se esquia das responsabilidades de dar suporte a esposa e aos filhos. Tal conto nos mostra que a infelicidade e o esfacelamento do núcleo familiar não se dão por questões de ordem necessariamente financeira, mas por questões de índole humana, já que o pai abandona a família e vai viver com outra mulher. A esposa, mesmo abandonada, ainda demonstra um certo afeto pelo marido que não a quer mais. O narrador-personagem, diante de uma situação tão degradante aceita tudo com muita resignação e dignidade. O pai deles, depois de, aos poucos ir se afastando de casa, volta certo dia e passa o domingo inteiro construindo uma pequena carroça para que os filhos pudessem carregar a mãe para tomar banho no rio. Com essa mesma carroça os meninos começam a fazer os primeiros biscates e logo, estão sendo os provedores da casa. A necessidade precoce de trabalhar mostra a realidade da família pobre, desestruturada e tendo que ser sustentada, provavelmente pelos filhos que receberam a herança de cuidar da mãe obesa e sustentar a casa. A figura do pai é cada vez mais ausente, o que drama seja maior diante do abandono de quem seria o provável provedor do lar.

Pelo constante processo de abandono da esposa e dos filhos, o pai de “Herança” não exerce o típico papel de chefe de família, embora o próprio rompimento do vínculo conjugal seja uma manifestação de que, mesmo distante do modelo, o esposo ainda se mantém ligado ao padrão monogâmico. O legado que o título do conto destaca não é transmito pelo patriarca, como na estrutura tradicional, mas sim pela matriarca, única personagem que se mantém ligada fisicamente aos filhos do início ao fim da narrativa. Essa herança materna não é medida em termos de acúmulo de capital, mas é cultural. (Oliveira, 2009, p.77)

As temáticas que estruturam os enredos dos contos selecionados são intrigantes por serem contemporâneas e nos mostram de maneira crua a falta de elementos que nos condicionam enquanto seres humanos. A leitura das narrativas aqui tratadas é demasiadamente complexa do ponto de vista social por conta da forma na qual os narradores personagens veem o drama de suas respectivas realidades sociais que são permeadas pela miséria, pela violência-muitas vezes, sexual-, pela fome, e, sobretudo, pelo anonimato no qual vivem essas personagens que são fadadas a uma vida com alegrias ralas e raras.

A lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, também conhecida como “Estatuto da criança e do adolescente” - ECA - versa sobre os direitos da criança e do adolescente. Essa lei nos dá dimensão de como a crianças e adolescentes vivem em situação de vulnerabilidade no Brasil, pois tal iniciativa legislativa tenta, de certa maneira, livrar crianças e jovens dos abismos sociais criados pelo próprio estado que se faz ausente no tocante a políticas públicas voltadas às classes mais baixas do país. Nas três narrativas vianianas das quais falamos, todas têm na figura do seu narrador personagem adolescentes que vivem de maneira indigna no tocante a aspectos relacionados à moradia, trabalho, alimentação. Infelizmente, tais narrativas de ficção representam a realidade de boa parte dos alunos da escola pública. O ECA, em seu capítulo II, nos diz que:

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - crença e culto religioso; IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.
Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (Brasil, 2019, p.23)

Os contos de Viana, nesse sentido, são uma via para que o seu leitor tenha a possibilidade de refletir sobre as questões sociais diversas, a laceração dos direitos mais básicos garantidos pela legislação brasileira, a falta de oportunidade de viver dignamente na sociedade capitalista que profere a falácia da “meritocracia”, dessa forma, projetando a possibilidade do papel humanizador do texto literário. Algumas dessas situações retratadas pelo contista sergipano são mazelas que impeliram as personagens às situações desumanas de submissão, de todas as ordens bem como para os abismos de violências diversas.

A relação entre a literatura e o engajamento social não é recente. Basta pensarmos em alguns autores canônicos da literatura ocidental do sec. XIX. O movimento do Romantismo foi o grande marco da transição de representação de classes sociais no tecido literário. A estética que nasce na Alemanha e rompe com a austeridade e impessoalidade da arte Neoclássica coloca em pauta o cotidiano da vida burguesa, a nova classe social que acabara de ascender após a revolução francesa. O liberalismo econômico que ascendeu com a burguesia trouxe a face da desigualdade provocada pelo capitalismo opressor. Grandes nomes da literatura desse período já mostravam em suas produções parte da estratificação que era reflexo de desigualdade econômica daquele período. Além de autores românticos como o francês Victor Hugo, o Realismo também desnudou bastante boa parte dos problemas sociais ignorados por uma parte da ideologia da estética romântica que tinha a intenção de idealizar a vida burguesa. O inglês Charles Dickens, autor do romance *Oliver Twist*, publicado em 1837, mostra as “venturas” de um jovem órfão que precisa sobreviver no mundo capitalista sem amparo de ninguém.

Ele era apenas uma criança, e as cruéis realidades da vida já haviam pesado fortemente sobre ele. Ele nascera e fora criado em um asilo de pobres e, por alguns anos, fora interno de um anexo desse asilo, onde vinte ou trinta outras crianças, infratoras das leis dos pobres, rolavam pelo chão o dia todo, sem o incômodo de comida ou roupas em excesso. (Dickens, 1998, p. 14)

Nesse sentido, percebemos que a literatura se mostra como uma forma de resistência aos problemas que sufocam os flagelados que são escamoteados por aqueles que são os próprios causadores desse flagelo. Zola, em *Germinál* (1885) denuncia a precariedade da classe proletária que sofria com a precariedade laboral em detrimento da exploração burguesa. Assim sendo, além de a literatura engajada mostrar problemas sociais que acometem os mais desprovidos de recursos, ela se mostra claramente marxista, partindo da premissa de que a abordagem de determinados temas coloca em evidência a desigualdade social. Para Perrone (2024, p.371) “As obras engajadas expõem uma situação política ou social injusta e indesejável, acusam-na e propõem uma mudança. Elas têm, como tema e como principal objetivo, a defesa de uma causa”, desse modo, os contos de Viana são claramente engajados, pois, de maneira muito clara, eles podem despertar no seu leitor o sentimento de solidariedade diante dos dramas relatados. Tal engajamento ocorre não de maneira meramente instrumentalizada, ou seja, o texto literário não é simplesmente reduzido à veiculação de denúncias de problemas sociais, não obstante é muito improvável que um leitor com o mínimo de senso de justiça não se compadeça diante dos dramas desnudos nos contos do escritor aracajuano. Por

consequente, o engajamento das obras de Viana se mostra como uma vereda para que o legente dessas obras possa refletir sobre tamanhas crueldades que acometem os personagens.

CONCLUSÃO

Após nosso conciso percurso, pudemos notar que os contos de Antônio Carlos Viana demonstraram forte ligação com questões sociais, revelando de maneira sutil, mas impactante, as vulnerabilidades e tensões inerentes ao dia a dia dos desprovidos no mundo capitalista. Por meio de personagens complexos e circunstâncias que parecem simples, o escritor desnudou mazelas como desigualdade social, violência doméstica e preconceito, proporcionando uma perspectiva crítica da sociedade atual. As histórias, frequentemente carregadas de sentimentos de opressão e sofrimento, espelharam a realidade de pessoas marginalizadas, tanto no aspecto econômico quanto emocional.

Diante disso, percebemos como Viana, em suas narrativas, habilmente, figurou relações humanas, muitas vezes caracterizadas por desacordos, frustrações e uma procura por afeto que, na maior parte do tempo, resulta em relações de opressão e violência. Essas interações repletas de tensão e desconforto ressaltaram as consequências de estruturas sociais opressoras e o desafio dos indivíduos em quebrar ciclos de violência e exclusão. Assuntos como a disparidade de gênero e o patriarcado também foram abordados, evidenciando como a violência simbólica e física contra mulheres e crianças, padrão recorrente nas narrativas refletindo questões que ainda persistem na sociedade e a comentem os desvalidos de capital numa sociedade capitalista. Desse modo, ao fim da leitura de grande parte das narrativas de Viana, o leitor, quase sempre atônito pela perplexidade e crueldade presentes nos contos, pode ter a dimensão de que, a grande porta que pode levar um ser humano a ser acometido por diversas mazelas é a pobreza extrema, que asfixia e aniquila a possibilidade de se ter uma vida digna. Desse modo, o contista sergipano mostrou-se um exímio literato utilizando a estrutura sucinta do conto para mostrar como cenas de uma vida miserável que parece tão normalizada podem ser chocantes e denunciar grandes problemas sociais.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Ferreira, J. F. V.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual. "O autor leu e aprovou a versão final do manuscrito".

CONFLITOS DE INTERESSE: O autor declara que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (2019). Estatuto da Criança e do adolescente. <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/maio/governo-federal-lanca-nova-edicao-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/ECA2019digital.pdf>
- Brait, B. (2004). *A personagem do romance*. 4 ed. São Paulo: Ática.
- Candido, A. (1989). *Literatura e subdesenvolvimento*. In: Candido, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, pp. 140-162.
- Candido, A. (1995). *O direito à Literatura* in: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades. <http://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonioo-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>
- Correia, P.A. (2010). *Ritos de passagem em Antônio Carlos Viana*. Dissertação de mestrado, UEFS, Feira de Santana.
- Dickens, C. (2002). *Oliver Twist*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Martin Claret.

Ferreira, J. F. V. (2025). Espaços de violência e sonho da intimidade: Uma leitura de Barba de Arame sob à luz da poética do espaço de Bachelard. *Revista Interdisciplinar Sulear*, (21).

<https://revista.uemg.br/sulear/article/view/10479>

Gotlib, N. B. (2010) Teoria do conto. 4 ed. São Paulo: Ática.

Martins, G. (2010). Infância no Inferno: um lugar na ficção de Antônio Carlos Viana. *Revista Interdisciplinar* Ano 5. V. 10. p. 283-298, São Cristóvão. <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1273>

Martins, G. (2013). Narradores da Miséria. In: *Revista de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 41, p. 119-148. <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9878>

Moisés, M. (2006). A criação literária: prosa. 20 ed. São Paulo: Cultrix.

Perrone-Moisés, L. (2023). Literatura engajada. In: *Revista Criação & Crítica*, 35, 370-383.

<https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/212813>

Silva, M. I. (2012) As Personagens Infames De Antônio Carlos Viana E Suas Representações. *Revista Interdisciplinar*. Ano VII, V.15, p. 159-170. São Cristóvão.

<https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1056>

Viana, A. C. (2009). Santana Quemo-Quemo. In: Viana, A. C. *Cine Prive*. São Paulo: Companhia das Letras.

Viana, A. C.(2009). Dia de parir cabrito. In: Viana, A. C. *Cine Prive*. São Paulo: Companhia das Letras.

Viana, A. C. (2009). Herança. In: Viana, A. C. *No meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido: 06 de novembro de 2025| **Aceito:** 06 de janeiro de 2026 | **Publicado:** 23 de janeiro de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.